Vitória Aliada 50 anos: faltam jardineiros para cuidar do homem

J. C. Alencar Araripe[1]

Este é um acontecimento de relevante significação na história da humanidade: há 50 anos, cessavam as hostilidades, no continente europeu, entre a Alemanha e os Aliados, compreendendo estes os Estados Unidos, a União Soviética, a Inglaterra, a França e numerosos outros países, entre os quais o Brasil, e que se uniram para enfrentar e derrotar o nazi-fascismo. É a Vitória, ansiosamente aguardada, e pela qual se bateram com determinação, sacrifício e heroismo povos de diferentes latitudes, ao longo dos seis anos que durou a maior guerra de todos os tempos, a tormentosa II Grande Guerra. A paz ainda não chegara à Ásia, mas o desfecho da luta já era previsível para os próximos meses.

Quando o Presidente Tácito Theophilo me incumbiu, pelo telefone, de proferir a oração oficial no cinquentenário da Vitória Aliada, em sessão do Instituto do Ceará, eu estava voltando à leitura de um dos escritores da minha predileção pelo conteúdo humanístico da sua obra, pelo estilo agradável e envolvente, pela natureza parabólica da sua mensagem. Refiro-me a Antoine de Saint-Exupéry, uma legenda da aviação, pioneiro que abriu rotas na África e na América Latina. Integrante do Grupo Francês de Reconhecimento, desapareceu misteriosamente no mar da Córsega em 29 de junho de 1944, na data em que completava 44 anos de idade. No outro lado da França, no Canal da Mancha, nova tragédia atingia o mundo artístico: no dia 15 de dezembro de 1944, mergulhava para a morte Glenn Miller, que levava a sua música alegre e saltitante aos combatentes aliados. Não foram encontrados o seu corpo e o avião que o conduzia. James Stwart, no filme "Música e lágrimas", reviveu o autor de "Moon Serenate". A 14 de maio de 1994, no "Memorial de Caen, um Museu para a Paz", realizou-se o Concerto da Vitória. Grande orquestra, depois de executar a Marselhesa em ritmo de jazz, relembrou em vários números o consagrado Glenn Miller. Celebrava-se o cinquentenário do desembarque na Normandia.

---

(1) Jornalista, professor do Curso de Comunicação Social da UFC e presidente, com vários mandatos, da Associação Cearense de Imprensa. Autor de vários livros sobre assuntos históricos e outros. Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

O Canal da Mancha fora cenário, em 1940, de uma retirada épica, a de Dunquerque, que salvara o melhor do Corpo Expedicionário Inglês, impotente, como os exércitos da França, Holanda e Bélgica, diante da ofensiva da Alemanha, com o devastador poder de fogo das panzers e da sua aviação. Em 1944, o panorama era outro. Sob o comando – em – chefe de Eisenhower, que tinha à suá disposição três milhões de homens, desenvolvera-se a mais arrojada operação militar da história. Potentes forças navais, aéreas e terrestres, em ação conjugada, romperam, a 6 de junho, a muralha do Atlântico, que se estendia por um litoral com cerca de 1.300 quilômetros, e iniciaram a marcha que as levaria ao coração do império nazista.

"O dia mais longo" é o nome do livro do jornalista Cornelius Ryan, que empreendeu a mais completa reconstituição dos eventos registrados naqueles momentos dramáticos, ouvindo para tanto testemunhas dos dois lados em choque. Não escapo à sugestão de transcrever esta passagem do livro do irlandês Cornelius Ryan:

"O Sul da Inglaterra transformava-se num imenso arsenal. Montanhas de munições estavam escondidas nos bosques. Carros de combate, tanques, autometralhadoras, caminhões, jipes e ambulâncias, mais de 50.000 na totalidade – alinhavam-se nas planícies, em filas apertadas. Intermináveis fileiras de peças e canhões antiaéreos, massas de material pré-fabricado, desde a barraca Nissen até as pistas de decolagem desmontáveis, abarrotavam os campos. A mesma abundância reinava quanto a material de escavação – bulldozers ou escavadeiras. Os armazéns transbordavam de víveres, de roupas e material sanitário. Mas o espetáculo mais impressionante estava nos vales, cheios de material ferroviário: cerca de 1.000 locomotivas e 20.000 vagões, destinados, uma vez estabelecida a cabeça-de-ponte, a substituir o material francês destruído."

"Também não faltavam novos e estranhos artefatos de guerra: carros de combate anfíbios, outros carregados com enormes placas destinadas a cobrir os fossos anticarro ou a passar por cima dos muros; outros, providos de grandes correntes de ferro que batiam no solo à sua frente, como manguais, para fazerem explodir as minas. Havia também compridos barcos de quina plana, eriçados de tubos lança-foguetes."

"Dois portos artificiais – que deviam ser rebocados até às praias do Canal da Mancha – representavam sem dúvida a mais assombrosa de todas as inovações. Estes milagres da técnica, classificados entre os grandes segredos da Operação Overlord, deviam assegurar a chegada ininterrupta dos homens e do material à cabeça-de-ponte,

durante o período crítico das primeiras semanas, até a ocupação do porto natural. Estas construções, denominadas Mulberries (Amoras) eram formadas por 145 enormes compartimentos de concreto, de seis tamanhos diferentes. Os maiores continham instalações para as tripulações e estavam armados com canhões antiaéreos; tinham o aspecto de casas flutuantes, de cinco andares. Esses compartimentos deviam ser unidos em fila diante das praias para formarem docas e cais, onde cargueiros do tamanho de um Liberty Ship pudessem atracar e descarregar. A partir dali, soldados e material seriam transportados por embarcações menores até ao extremo de espigões de aço, cada um dos quais pesava 15.000 toneladas e que estavam ligados à praia por molhes metálicos, flutuantes, que descansavam sobre barcaças. Um quebra-mar, formado por 60 barcos cheios de cimento e fundidos *in loco*, bem como longas filas de construções parcialmente submersas, protegeriam toda a instalação. Cada um destes portos artificiais devia ter as dimensões do porto de Dover."

Praia Sangrenta

Apesar do poderio armado, da imensa concentração de recursos, que exigiu a construção na Inglaterra de 275 quilômetros de vias férreas suplementares que permitissem o escoamento normal; apesar de precauções que não tinham limitação, da impressionante meticulosidade, a começar pelas previsões da meteorologia; não obstante o intensíssimo bombardeio naval e aéreo, os aliados encontraram forte oposição em toda a costa, inçada de obstáculos e defendida a partir de casamatas estrategicamente localizadas.

Mas, em nenhum outro local a resistência alemã manifestou-se mais feroz do que na praia de Omaha. As primeiras levas de norte-americanos foram dizimadas e a mortandade chegou a tal ponto que essa praia passou a ser chamada de "Omaha sangrenta".

No início do outono de 1994, integrei a legião dos que demandaram a Normandia, na companhia da mulher Noemi, do filho Otaviano, da nora Aparecida e da neta Juliana. Confesso que nunca cogitara de excursionar aos sítios cenários de sucessos de tanta ressonância no evolver da II Grande Guerra. Mas lá estava.

Partindo de Paris, percorrera as excelentes estradas da França, sejam as principais ou as secundárias, estas, tão aconchegantes, que em algumas ocasiões parecia que corríamos sob caramanchões; o campo, dividido em quadriláteros, assemelhava-se a um tabuleiro

de xadrez; rebanhos pastavam na planura ou nas colinas; era uma visão de cartão-postal.

Lisieux, pelo menos para mim, não era uma descoberta; sentia-me feliz, porém, de rever com familiares a Basílica de SantaTereza, um santuário majestoso a que acorrem multidões. A jornada do dia terminou em Caen, entroncamento rodoviário e ferroviário onde se travaram acesos combates; a cidade emergiu da guerra semi-destruída; imponente Memorial reverencia os ingleses, canadenses e norte-americanos que tombaram na conquista do bastião.

Em manhã de chuva miúda, estacionamos na praia identificada pelo código de Omaha. Logo na primeira visão, descobria-se que o local era estreito e o dominavam duas elevações que o fechavam em círculo. As fortificações alemãs, com quatro baterias, no total de 20 canhões, escaparam ao bombardeio, e despejaram fogo num raio amplo. O morticínio foi sem igual.

Na praia de Omaha conservam-se bunques alemães e, nas proximidades, em terreno doado pelo governo francês, estende-se o grande cemitério norte-americano, mantido com esmero, cada sepultura identificada, mais de nove mil, a tanto chegaram as baixas mortais no desembarque da Normandia e na campanha do norte da França.

A selvageria da Guerra

Rui Barbosa, ocupando-se da I Grande Guerra, teve estas palavras candentes:

"Os algarismos em que se houvessem de calcular os prejuízos desta conflagração inaudita seriam de uma imensidade quase astronômica. Já se computam em treze milhões os homens que ela ceifou, sumiu, ou pôs fora de combate. Mas quando, abaixo dessa parcela tremenda, inscrevemos em milhares de milhões as somas de moeda consumida, as indenizações, as requisições, as cidades arrasadas, as províncias taladas, o incalculável das culturas, das florestas, dos campos, onde aos povoados sobreveio a solidão, às colheitas sucedeu o morticínio, e as terras, que o arado revolvia, são lavradas hoje pelos canhões, a imaginação recuará espavorida. Não fizeram tanto esses antigos despostas chineses, cuja carniçaria mal chegava a tirar um milhão de vidas em dezenas de anos de reinado, nem esses conquistadores orientais, que assinalavam com pirâmides de crâneos humanos a passagem das suas armas."

Imagine-se o que não diria Rui Barbosa, com a sua costumeira veemência e indignação, diante da estástrofe que foi a II Grande Guerra em perdas humanas. A relação constante da Grande Enciclopédia Larousse Cultural guarda ordem alfabética: África do Sul: 8.500 mortos; Alemanha: 4,5 milhões, sendo um milhão de civis; Bélgica: 89 mil; Brasil: 1.899; Bulgária: 20 mil: Canadá: 41 mil; China: 8 milhões; Estados Unidos: perto de 300 mil; Finlândia: 90 mil; França: 535 mil, sendo 200 mil soldados e 180 mil deportados; Grã-Bretanha: 390 mil; Grécia: 500 mil; Itália: 310 mil; Iugoslávia: 1.5 milhão, sendo 1.200 de civis; Japão: 2 milhões, dos quais 1.6 milhão de militares; Nova Zelândia: 12 mil; Países Baixos: 210mil; Polônia: 5 milhões, sendo 3.100.000 judeus; Romênia: 460 mil; Tchecoslováquia: 415 mil; União Soviética: 20 milhões. O drama das deportações foi terrível: 7 milhões viram-se nele envolvidos. Os campos de concentração constituem um capítulo tenebroso. Visitei um deles, por sinal, o mais tristemente famoso: o de Auschwitz.

Tive o privilégio de ir à histórica Cracóvia, terra natal do Papa João Paulo II, providencialmente poupada. Integrava um grupo de jornalistas internacionais que excursionavam pela Polônia. Distante 50 quilômetros de Cracóvia, estava a pequena cidade de Oswiecin, em cujas proximidades funcionou o campo de Auschwitz.

Não foi apenas o de proporções mais amplas, com capacidade para um número mais elevado de prisioneiros. Foi, sobretudo, aquele em que se praticaram perversidades sem conta, em que imperou, sem limites, a desumanidade, que se custa crer estivesse ainda abrigada no coração do homem, neste estágio da civilização.

Diante das câmaras de gás e fornos crematórios; de cabelos humanos recolhidos para confeccionar tecidos; dos montões de ossos de vítimas inocentes; dos cubículos em que mal uma pessoa podia ficar de pé; dos catres imundos dos alojamentos, diante de tudo aquilo, quantas vezes não tive vontade de abandonar a visita e deixar cenários assim tragicamente marcados por tanta miséria e degradação?

Os combates e bombardeios devoravam vidas e devastavam cidades. O martirólogio de Varsóvia, do começo ao fim das hostilidades, é impressionante e comovente. Em setembro de 39, mal desencandeada a luta, os soldados nazistas combatiam de casa em casa, depois de arrasadores ataques aéreos; em 43, houve o levante dos judeus, que não suportavam mais a opressão do gueto em que foram encurralados, sendo, porém, inapelavelmente dizimados; em agosto de 44, com os russos às portas da cidade, nova rebelião para apressar a libertação; pela terceira vez, o massacre dos poloneses:

por interesse político Moscou negou socorros e o exército clandestino é aniquilado, um episódio vergonhoso da II Grande Guerra, só comparável à assinatura do pacto Molotov-Ribbentrop, e em decorrência do qual a Rússia de Stalin atacou, pelas costas, a Polônia, na ocasião em que esta era invadida por Hitler; pela quarta vez, Varsóvia tornara-se palco de operações bélicas com a resistência desesperada dos nazistas à avalanche irresistível dos soviéticos. Quando os canhões deixaram de troar, não havia um quarteirão intacto na capital polonesa, a destruição calculada em 80%.

A Polônia é um entre dezenas de países destroçados; Varsóvia é uma entre centenas de cidades com vastas e profundas cicatrizes. Sebastopol, severamente bombardeada, baqueou, mas Leningrado, hoje, São Petersburgo, resistiu heroicamente a um cerco de dois anos; Stalingrado, que também mudou de nome, foi o marco da virada na frente leste; Londres, Coventry, Liverpool, Hamburgo, Berlim, Colônia e tantas outras opulentas metrópoles conheceram a desgraça da guerra, cujo custo militar ascendeu a mais de um trilhão de dólares.

Manifestações de regozijo

O fim de tragédia de tamanha dimensão foi acolhida por uns com inesquecível sensação de alívio, outros comemoram-no em transbordamentos de alegria coletiva. E não era para menos. As populações, diretamente envolvidas no torvelinho de refrega, suportaram padecimentos atrozes. Mesmo as que estavam distantes do teatro de operações passaram por duras privações, como é o caso dos brasileiros. Por que não celebrar o evento com efusão?

Fortaleza não haveria de ser exceção. E disso nos dão conta jornais da época. O vespertino católico "O Nordeste" anunciou em manchete de 1ª página: "Os alemães renderam-se incondicionalmente". E acrescentava: "Todo mundo vibra de entusiasmo – Os sinos repicarão em Fortaleza". Na última página, a 8ª, em manchete também: "Celebrou-se, ontem, em Fortaleza a Grande Páscoa da Vitória". O mesmo jornal, no dia 9, registrava: "Fortaleza comemorou entusiasticamente a vitória dos povos livres – Comícios, passeatas e inúmeras festividades assinalaram o grande evento". No dia 7, o "Correio do Ceará" estampou: "Rendeu-se o III Reich, incondicionalmente"; no dia 9: "Oficialmente, a guerra terminou hoje às 10 hs. – Proclamada a vitória". O matutino "O Estado" do dia 9: "Paz na Europa – Churchill e Truman anunciaram o término da guerra no Velho Mundo" – Na última página, pronunciamento do Comandante

da 10ª Região Militar: "General Gil Castelo Branco: raiou pomposo, o dia da vitória". "Unitário", "Gazeta de Notícias" e "O Povo", em letras garrafais, anunciam a boa nova. Creio que eram esses os diários que circulavam então na capital cearense. Sobrevivem "O Povo", fundado por Demócrito e Sarasate, e "O Estado", cujo primeiro diretor foi Edgar de Arruda.

É justo que, às vesperas de 8 de maio, transcorridos 50 anos do fato histórico, exaltemos a memória dos bravos que tombaram no campo da honra para impedir a supremacia da filosofia totalitária, que desencadeou a terrível tormenta. Entre os heróis a homenagear, estão também os nossos patrícios, integrantes do Exército, Marinha e Força Aérea, e que, na Itália e no Atlântico, cumpriram arrojadas missões.

A Marinha e a Aviação Militar do Brasil tiveram papel de relevo na evolução das hostilidades, guardando as extensas costas e protegendo o comércio de cabotagem, a fim de que não fosse comprometido irremediavelmente, pela insídia submarina, o sistema de abastecimento. Em terra, o Exército foi sentinela vigilante da integridade territorial e, na península italiana, afrontou tropas de elite alemãs em Castelnuovo, Monte Castelo e Montese, entre outras batalhas nos Apeninos e no Vale do Rio Pó, enquanto os nossos aviadores lhe ofereciam cobertura aérea e martelavam as defesas inimigas.

Na pessoa do ínclito General de Exército Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira, participante da campanha da Itália, e que hoje preside o Instituto do Ceará, saudamos os combatentes da FEB no cinquentenário da Vitória.

A paz ainda é sonho

"Dia de glória" foi o título da nota de "O Povo", no alto da primeira página, a 9 de maio, e que assim conclui:

"Foi preciso falar, nos campos da luta, a flor do mal. Reduzir a cinza o joio daninho do totalitarismo. Revolver o solo com as máquinas de guerra. Adubar o chão de corpos. Regá-lo de sangue, para que, neste dia de glória, se fizesse a colheita dos primeiros frutos de uma paz verdadeiramente democrática.

Resta ao mundo saber frui-los!"

Indago eu, a esta altura: alcançamos uma paz como se desejava ardentemente e tivemos sabedoria para desfrutá-la? Se a perda de

milhões de vida não constituiu sacrifício em vão, já que o objetivo final – a derrota do nazi-fascismo – foi alcançado, é de lamentar que a paz tão almejada não se tenha consolidado em bases firmes, como se supunha ocorresse naqueles tempos atribulados.

O então tenente-coronel Humberto de Alencar Castelo Branco, da Seção de Operações do Estado Maior da FEB, na Itália, em carta à esposa amantíssima, D. Argentina, confidenciava-lhe: "Esta guerra vai revolver tudo isto, subverter todas as cousas. Eu tenho muito que lhe contar a respeito da ebulição das idéias que se sentia em meio aos combatentes de muitos países. É impossível que de tamanha hecatombe não saia mais uma grande revolução social mais humana, mais cristã, menos dura para os pequenos, limitando o mais possível a exploração de um homem por outro. É o que eu estou vendo na fogueira que ainda não se apagou."

O futuro Presidente da República tinha percepção clara. Não se fizera guerra para sedimentar injustiças. Faltou clarividência, porém, para entender a ebulição das idéias, de que falava Castelo Branco. Pretendeu-se reeditar a farsa da I Grande Guerra anatematizada por Thomas Edward Lawrence, ou Lawrence da Arábia, como se tornou popular, e que em "Os sete pilares da sabedoria", um dos maiores livros da literatura inglesa, na opinião de Churchill, desmascarou a hipocrisia franco-britânica ao estimular para nada a revolta dos árabes contra os turcos.

Como admitir-se que o indo-chinês, que amargou a dominação japonesa, cooperasse no restabelecimento do império francês? Daí, a derrota de Dien Bien-Phu. A Argélia entendeu que atingira um estágio de evolução que lhe facultava organizar um governo próprio e soberano? Por que privá-la desse direito?

Um dos maiores equívocos da diplomacia norte-americana foi insistir no veto à admissão da China na ONU, erigindo Formosa, uma ficção política, como representante do povo chinês. O governo de Pequim sentiu-se livre das peias da legalidade internacional para apoiar confrontos bélicos, na Coréia e no Vietnã, nos quais os Estados Unidos perderam mais de 100 mil homens e dispenderam somas vultosas.

Ironia da história! Nas comemorações da vitória em Moscou, multidões dirigiram-se à Embaixada dos Estados Unidos para ruidosas manifestações de simpatia e reconhecimento pela ajuda que a União Soviética recebera em armas e alimentos do Arsenal da Democracia que Roosevelt montara. Na Coréia e no Vietnã, poucos anos decorridos, armas russas dizimavam vidas norte-americanas.

No leste europeu, utilizaram-se os louros da vitória para assegurar a hegemonia soviética sobre países que não tinham afinidades ideológicas ou de outra natureza com Moscou. Era o expansionismo do comunismo tendo como meta a dominação mundial. As rebeliões, e estas ocorreram na Alemanha Oriental, na Polônia, na Hungria e na Tchecoslováquia, foram abafadas a ferro e fogo.

Berlim foi um foco de tensão. Primeiramente, o bloqueio da parte ocidental da cidade, que se prolongou de 17 de junho de 1948 a 12 de maio de 1949. Sobreviveu devido à atitude resoluta dos Estados Unidos, Inglaterra e França. Os números falam com eloqüência: num só dia, 1.383 aviões aterrissaram em Berlim, de 63 em 63 segundos, conduzindo 12.849 toneladas de mercadorias destinadas ao abastecimento. A partir de 13 de agosto de 1961, foi erigido o muro isolando totalmente o setor ocidental. Era preciso deter a evasão demográfica. Estive em Berlim Oriental depois de cumprir várias formalidades. Mas, ao regressar, atravessei filas de tanques soviéticos e americanos. Um incidente determinara a concentração. Não fora o primeiro nem seria o último. A guerra fria estava no apogeu.

Não houve conflagração generalizada, como no período de 39 a 45, mas nunca se registraram tantas guerras localizadas. A indústria bélica é uma das mais prósperas. Gasta-se em armas o que daria para alimentar milhões de famintos. Não rebentou o temível confronto pelo temor do desenlace atômico entre as superpotências, cujos arsenais estão abarrotados de artefatos mortíferos. Hiroxima e Nagasáqui são uma permanente advertência.

Joaquim Nabuco vaticinara: "Afigura-se-me bastante próxima a notícia de descobertas que venham a nivelar a força das nações. O número já pouco importa dentro de certos limites. Acabarão por não influir de todo. O poder de destruição será tão grande que exigirá o sacrifício de centenas de milhares de homens onde hoje se arriscam algumas dezenas". Para Nabuco, "a física, a química, a mecânica terão cada vez maior importância para quem se preocupa com o equilíbrio do mundo. Estas ciências unidas farão mais que política mundial; farão política cósmica, neste sentido: que as forças cósmicas terão interferência política através dos laboratórios científicos. Os eletricistas serão quiçá os árbitros das nações e os estadistas do porvir".

Até o final da década de 80, a maioria dos conflitos era atribuída à disputa entre o capitalismo e o comunismo. A falência deste, que o historiador francês François Furet retratou em "O passado de uma ilusão", best-seller na França, não significou a vitória do capitalismo, envolto em suas contradições e crises indissimuláveis. O

mundo está numa fase de ajustamento, à procura de uma nova ordem. A posição da China e do próprio Vietnã é indicativo seguro da realidade que se descobre na dinâmica da vida internacional.

Quando chegaremos a essa nova ordem é difícil prever pelas bombas de retardamento que explodem e representadas pelo nacionalismo exacerbado; pelo fanatismo religioso obscurantista e retrógrado; pela ideologia extremada que leva ao genocídio, como o do Camboja; pelas etnias controladas durante anos a fio e que rompem amarras e desintegram nações, como a Iugoslávia, de onde parte o grito lancinante de Slata Silitovic, que no seu Diário de Saravejo enternece e comove; pela rivalidade tribal que mata tanto quanto a fome na África; pelo terrorismo sem entranhas, como o que agiu em Oklahoma City; pela violência desbragada e que, nos fins de semana no Brasil, despertam a sensação de que estamos em guerra civil; pelo atraso, pobreza, miséria e ignorância em que jazem mergulhados milhões de seres humanos.

A reverência maior que podemos prestar aos mortos da II Grande Guerra e aos que lutaram e sobreviveram à hecatombe, muitas vezes, com traumas que os acompanham pela existência afora, é concorrermos para solidificar a consciência da paz como fundamento insubstituível da convivência humana. Eis a reflexão que se impõe no 50° aniversário do Dia da Vitória.

Recorro, como fecho, ao simbolismo de Antoine de Saint-Exupéry: "Quando, por mutação, nasce nos jardins uma rosa nova, os jardineiros se alvoroçam. A rosa é isolada, é cultivada, é favorecida. Mas não há jardineiros para os homens".

(Oração proferida na sessão especial do Instituto do Ceará, realizada a 5 de maio de 1995, e comemorativa dos 50 anos da Vitória Aliada na II Grande Guerra).

Bibliografia

ARARIPE, J. C. Alencar. *O Mundo em três dimensões*. Rio de Janeiro: Record, 1967. 272 p.

DIAS, Heitor. *Lições de Ruy*. 2. ed. Salvador: Progresso, 1954. 304 p.

GRANDE crônica da Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Seleções do Reader's Digest, c1969. v. 3.

NABUCO, Joaquim. *Pensamentos soltos*. São Paulo: Instituto Progresso, 1949. 970 p.

PERDAS Humanas Militares e Civis. *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*. São Paulo: Círculo do Livro, c1988. p. 2929.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Terra dos Homens*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1956. 253 p.